

A contemporaneidade em *Macunaíma*: diversidade cultural, identidade e transformação urbana

Bianca Lessa¹

Daniele Ribeiro Fortuna²

RESUMO: O presente artigo discute aspectos referentes à diversidade cultural, à construção da identidade nacional e às transformações urbanas em *Macunaíma* de Mario de Andrade, relacionando-os à contemporaneidade. Para tanto, toma como base autores como Bauman (2001), Canclini (2005), Hall (2006) e Castells (2011).

Palavras-chave: diversidade cultural, identidade, transformação urbana

ABSTRACT: This paper discusses aspects related to cultural diversity, national identity construction and urban transformation in Mario de Andrade's book, *Macunaíma*. It also connects these subjects to contemporaneity. Therefore, it is grounded in authors as Bauman (2001), Canclini (2005), Hall (2006) and Castells (2011).

Keywords: cultural diversity, identity, urban transformation

Introdução

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade constitui-se num marco não apenas do Modernismo, como da Literatura Brasileira em geral. Após mais de 80 anos da sua primeira publicação, o livro continua atual. Naquela época, seu autor já abordava questões que viriam a se tornar fundamentais nos dias de hoje, como identidade, diversidade cultural e transformações urbanas.

Nesse sentido, após apresentar o livro de Mário de Andrade e o contexto de seu surgimento, este artigo discute aspectos referentes à construção da identidade nacional e à diversidade cultural. O texto aborda a dificuldade de se definir uma identidade nacional – já que a sociedade contemporânea é

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Unigranrio, Duque de Caxias, Brasil. bia.lessa@gmail.com

² Doutora em Literatura Comparada. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Unigranrio, Duque de Caxias, Brasil. drfortuna@hotmail.com

influenciada por questões interculturais e multiculturais –, relacionando a realidade atual a *Macunaíma*. Outro ponto importante é a relação das transformações do espaço urbano e a desterritorialização, tanto em *Macunaíma* quanto na contemporaneidade.

Para realizar tais análises, o artigo toma como base autores como Bauman (2001), Canclini (2005), Hall (2006) e Castells (2011).

***Macunaíma* e seu contexto**

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter é uma das principais obras da literatura brasileira que marcam a vanguarda modernista no Brasil, após a Semana de Arte Moderna, movimento realizado em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Em função da ruptura com os padrões artísticos vigentes, a vanguarda modernista provocou uma grande agitação intelectual da época. O ambiente cultural anterior à Semana de Arte Moderna era desanimador: na poesia predominavam os imitadores das velhas fórmulas parnasianas, com uma linguagem “purista”, e na prosa permaneciam os velhos esquemas românticos e realistas, sem nenhuma ânsia de renovação formal ou temática.

Diante deste “conformismo literário”, Mário de Andrade, Anita Malfati, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros escritores, sob o apadrinhamento do romancista pré-modernista Graça Aranha, empenharam-se em revolucionar a arte, a poesia e a música. Influenciados pelas vanguardas europeias, criaram um movimento que buscasse romper com o academicismo e o tradicionalismo, trazendo a experimentação de uma nova linguagem literária. A Semana de Arte Moderna constitui-se no resultado da insatisfação desses escritores e na necessidade de investir na criação de uma literatura que apontasse para um novo cenário na cultura brasileira. Segundo Teles (1994, p. 277):

A Semana de Arte Moderna foi um duplo vértice histórico; convergência de ideias estéticas do passado, apuradas e substituídas pelas novas teorias europeias (futurismo, expressionismo, cubismo, dadaísmo e espiritonovismo); e também ponto de parte da para as conquistas expressionistas da literatura brasileira neste século [século XX].

Para Bosi (1993, p. 340), “A *Semana* foi, ao mesmo tempo, o *ponto de encontro* das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a *plataforma* que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural”.³

O movimento modernista valorizou o elemento nacional (a partir de 1924), interessando-se pela pesquisa da realidade brasileira, incentivando os estudos folclóricos e resgate das nossas raízes culturais, procurando trabalhar a linguagem de maneira a livrá-la das cópias dos modelos formais, rompendo barreiras e levando a nossa literatura a dar um salto decisivo rumo à sua autonomia de criação. Na verdade, era possível perceber “um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira” (BOSI, 1994, p. 332). É nesse contexto que surge *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*.

Publicado em 1928, *Macunaíma, o herói se nenhum caráter* é o “retrato do povo brasileiro” caracterizado pelo mito do herói indígena, o próprio Macunaíma, não mais idealizado nos padrões dos heróis medievais, influenciados pela cultura europeia, como acontecia no Romantismo. Há a construção do herói indígena originalmente brasileiro, com características tipicamente nacionais: sem forma, sem caráter, esperto, egoísta, preguiçoso, ambicioso, malandro e que, além de tudo, adorava as mulheres e tinha o sexo como uma brincadeira. De acordo com Bosi (1994, p. 353), “Simbolicamente, a figura de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, foi

³ Grifos do autor

trabalhada como síntese de um presumido 'modo de ser brasileiro', descrito como luxurioso, ávido, preguiçoso e sonhador (...).

Macunaíma é não apenas uma crítica às obras de caráter indianista do Romantismo e de outras escolas literárias – que invertendo os relatos quinhentistas em que os escritores se voltavam para o lado selvagem da terra, integrando o homem civilizado (o colonizado) à paisagem nativa, desta vez é o selvagem Macunaíma que vai ao encontro dos avanços da civilização, “descobrimo” a sociedade em um agitado processo de evolução –, mas também uma inovação linguística. Segundo Bosi (1994, p. 354), “*Macunaíma* (...) atuou uma ideia-força do seu autor: o emprego diferenciado da *fala brasileira* em nível culto (...)”.

Mário de Andrade buscava retratar a sociedade brasileira em mudança, mais especificamente a cidade de São Paulo. Em sua obra, trata do aparecimento das fábricas, dos grandes aglomerados urbanos, a imigração de colonos, a maior exposição das mulheres e, além disso, a velocidade em que os meios de comunicação e transportes se expandiam e impressionavam bastante os brasileiros.

A questão da identidade nacional também é um assunto bastante discutido na narrativa de *Macunaíma*. O próprio título exprime esta dificuldade de compreensão, já que o fato de ser um “herói sem nenhum caráter”, definido pelo próprio autor, não representa o “mau-caratismo” do personagem, mas a dificuldade de construção da identidade do povo brasileiro, representado pelo herói por suas características próprias, tipicamente nacionais. Para Moisés (2007, p. 395), “(...) o protagonista sintetiza, na variação constante de temperamento, as diversas facetas do brasileiro-tipo, segundo a região em que vive e o substrato étnico de que participa”.

Mesmo tendo sido publicado há mais de 80 anos, *Macunaíma* é um livro atual. Já naquela época, Mario de Andrade tratava de assuntos que viriam a ser amplamente discutidos na contemporaneidade, como a identidade nacional e as transformações urbanas.

Cultura e identidade em *Macunaíma*

Em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, Mario de Andrade aborda questões polêmicas em relação à definição de cultura e à dificuldade de construção da identidade nacional, representando o “retrato” do povo brasileiro pela caracterização do herói desfragmentado, instantâneo e sem identidade.

Um dos temas amplamente discutidos por antropólogos e sociólogos na contemporaneidade e também uma das “indefinições” de Mário de Andrade em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* dizem respeito à dificuldade de conceituação da palavra cultura e as questões ligadas à construção da identidade, em função dos aspectos interculturais e multiculturais que influenciam as sociedades.

Neste sentido, Canclini (2005, p. 16) define cultura como:

(...) pertencimento comunitário e contraste com os outros. Para algumas teorias sociológicas da desigualdade cultura é algo que se adquire fazendo parte das elites ou aderindo aos seus pensamentos e gostos; as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos. Os estudos comunicacionais consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado. Não há um processo evolucionista de substituição de algumas teorias por outras: o problema é averiguar como coexistem, chocam ou se ignoram a cultura comunitária, a cultura como distinção e a cultura.com.

Desta forma, é possível relacionar a definição de cultura descrita anteriormente ao momento sócio-histórico em que *Macunaíma* foi escrito, excluindo-se a ideia da “cultura.com”, já que o conceito reflete a noção de cultura vinculada às produções artísticas da época, voltadas para os modelos europeus e às escolas clássicas cujas obras eram influenciadas pelas vanguardas europeias; portanto, o conceito de cultura estava relacionado à construção do saber, às produções artísticas e culturais e aos padrões sociais vigentes.

Este conceito, entre outros, também está relacionado ao que afirma Canclini (2005, p.36) sobre os “labirintos do sentido” para a palavra cultura:

Até há poucas décadas, pretendia-se encontrar um paradigma científico que organizasse o saber sobre a cultura. Mesmo quem reconhecia a coexistência de múltiplos paradigmas aspirava a estabelecer algum que fosse o mais satisfatório ou o de maior capacidade explicativa. Não se deve abandonar essa aspiração, mas o relativismo epistemológico e o pensamento pós-moderno debilitaram, por caminhos distintos, aquela preocupação com a unicidade e a universalidade do conhecimento. A própria pluralidade de culturas contribui para a diversidade de paradigmas científicos, ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos de conhecimento com configurações muito variadas.

A obra, portanto, representa um desses conceitos de cultura ao demonstrar um profundo caráter de pesquisa de Mário de Andrade sobre as nossas raízes culturais. Ele descreve em muitas passagens do livro nomes de pássaros, animais, danças, plantas, lendas, costumes indígenas, entre outros, como forma de valorização da diversidade cultural brasileira. Logo no início da obra, por exemplo, o escritor descreve a hierarquia indígena e o respeito pela religião por Macunaíma: “Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a

poracê o torê o bacororô a cucuicogue⁴, todas essas danças religiosas da tribo.” (ANDRADE, 2007, p.13)

No segundo prefácio de seu livro, que compõe complementarmente a edição referida neste artigo, Mário de Andrade relata o objetivo de sua obra, não com a intenção de “conceituar” a cultura nacional, como alguns estudiosos afirmam, mas como forma de reconhecimento de elementos tipicamente nacionais, que refletem sua pesquisa sobre a diversidade cultural brasileira:

Agora: não quero que imaginem que pretendi fazer deste livro uma expressão de cultura nacional brasileira. Deus me livre. É agora, depois dele feito, que me parece descobrir nele um sintoma de cultura nossa. Lenda, história, tradição, psicologia, ciência, objetividade nacional, cooperação acomodada de elementos estrangeiros passam aí. Por isso que malicio nele o fenômeno complexo que o torna sintomático. (ANDRADE, 2007, p.225)

A questão da multiculturalidade também está presente em *Macunaíma*. Ao deixar o Uraricoera, na busca pela famosa Muiraquitã, Macunaíma e seus irmãos partem para a cidade de São Paulo à procura de Venceslau Pietro Pietra, o peruano que estava com seu amuleto; durante a narrativa, se deparam com situações que ilustram aspectos multiculturais que compõem a cultura brasileira.

Um desses aspectos encontra-se no capítulo 5, quando rumo à cidade de São Paulo, debaixo de sol, Macunaíma e seus irmãos avistam uma cova d'água encantada: “Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus para indiada brasileira” (ANDRADE, 2007, p.50).

Neste trecho da narrativa, Macunaíma lembrou-se de tomar banho, atirou-se na água e ficou branco, loiro e de olhos azuis; seu irmão Jiguê,

⁴ A supressão das vírgulas nas enumerações foi um recurso estilístico utilizado por Mário de Andrade em toda obra e uma crítica aos padrões literários da época.

vendo o acontecido, também se jogou na água já escura e o máximo que conseguiu foi ficar da “cor do bronze novo”. Maanape, por ser o último, só conseguiu lavar as mãos e os pés e continuou negro, com a palma das mãos e os pés vermelhos. Surge assim, o mito das três raças, reforçando a questão da multiculturalidade do povo brasileiro.

Outro aspecto importante em relação a Macunaíma é a construção de sua identidade, ou falta de identidade, por apresentar-se como o “herói sem nenhum caráter”. A primeira transformação do herói acontece ainda menino, quando ele vai para o mato passear com Sofará, mulher de seu irmão Jiguê e transforma-se para “brincar” com ela: “Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.” (ANDRADE, 2007, p.14).

As várias transformações que marcam a narrativa do herói representam a falta de identidade do povo brasileiro, criticada por Mário de Andrade em relação à influência europeia. A construção do “herói sem nenhum caráter”, além de ser uma crítica aos “heróis” idealizados e com características tipicamente estrangeiras que compunham as obras do Romantismo e de outras escolas literárias, também representa uma concepção do autor sobre a identidade do povo brasileiro:

O que me interessou por *Macunaíma* foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa me parece que certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim, porém a minha conclusão é (uma) novidade pra mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. (ANDRADE, 2007, 1º prefácio, p.217)

Nesse sentido, Moisés (2007, p. 395) considera que:

(...) Mario de Andrade, a despeito de seu acendrado espírito nacionalista, não visava a uma apologia do brasileiro, mas a erguer-lhe um retrato fidedigno, seja apontando-lhe a esperteza que transforma favoravelmente as adversidades do meio físico e social, seja a indolência inata, expressa numa frase-bordão, a primeira que o autor aprende a dizer na infância e em que se condensa toda uma visão do mundo ‘— Ah! que preguiça!...

As questões relacionadas à identidade ainda hoje “carecem” de uma definição dada a sua fragmentação e influência de culturas estrangeiras, fator este que dificulta a construção de uma identidade tipicamente nacional. Para Bauman (2001, p.115), “Neste mundo, os laços humanos são segmentados, as identidades, em máscaras usadas sucessivamente, a história de vida, em uma série de episódios que perduram apenas na igualmente efêmera memória”.

Mário de Andrade também atribui esta “falta” de caráter/identidade pela forma de colonização (dominação) realizada no Brasil, cuja influência caracteriza as relações sociais, bem como a cultura e costumes da nossa nação. Para o autor, os aspectos interculturais também representam esta dificuldade de definição de uma cultura tipicamente nacional:

(O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente ou consciência de séculos tenha auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter.) Brasileiro (não). Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma. Dessa falta de caráter psicológico creio otimistamente, deriva a nossa falta de caráter moral. Daí nossa gatunagem sem esperteza (a honradez elástica/a elasticidade da nossa honradez), o desaparecimento à cultura verdadeira, o improvisado, a falta de senso étnico nas famílias (...). (ANDRADE, 2007, 1º prefácio, p.216, 217)

Assim como em Macunaíma, as questões relacionadas à identidade têm sido bastante discutidas na sociedade contemporânea. Para Hall (2006, p.7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Segundo Bauman (2001, p.115), as identidades na contemporaneidade são passageiras, assim como observamos na personagem Macunaíma, representando por suas múltiplas transformações:

Como tudo o mais, as identidades humanas – suas auto-imagens – se dividiram em coleções de instantâneos, cada uma tendo que evocar, carregar e expressar seu próprio significado, muitas vezes sem se referir a outros instantâneos. Em vez de construir nossa identidade de maneira gradual e paciente, como se constrói uma casa, lidamos com formas montadas instantaneamente, apesar de desmanteladas com facilidade, pintadas umas sobre as outras; é uma *identidade palimpsética*. É o tipo de identidade que se adapta a um mundo em que a arte de esquecer é bem mais importante do que a arte de memorizar; em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de adequação contínua, segundo a qual novas coisas e pessoas entram e saem do campo de visão da câmera estacionária da atenção e onde a própria imagem é como uma fita de vídeo, sempre pronta para ser apagada para poder gravar novas imagens.

Sendo assim, as identidades são construídas de acordo com as demandas e influências da sociedade. Não é mais possível pensar no sujeito unificado, com identidade nacional própria. Somos “frutos” e “reflexo” de uma sociedade em constante mudança, portanto igualmente “instantâneos”, como considera Bauman (2001).

A segunda parte da narrativa de Macunaíma demonstra esta afirmação a partir da influência que a personagem recebe com as

transformações urbanas em que está inserida e que serão descritas na seção a seguir.

O choque cultural e as transformações urbanas: *Macunaíma* e a cidade de São Paulo

A chegada de Macunaíma e seus irmãos à cidade de São Paulo na busca pela “Muiraquitã”, a pedra que havia ganhado de Ci, a mãe do mato, é marcada pelo choque cultural entre os índios Tapanhumas e as transformações da cidade de São Paulo no início do século XIX: “E foi numa boca-da-noite que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada a beira-rio do igarapé Tietê. Primeiro foi a gritaria da papagaiada imperial se despedindo do herói. E lá se foi o bando sarapintado volvendo pros matos do norte.” (ANDRADE, 2007, p.52)

O primeiro contato de Macunaíma com o “homem branco” retrata a prostituição presente na cidade de São Paulo. O herói, acostumado a “brincar” com as índias de sua tribo, agora se depara com “cunhãs tão brancas, tão alvinhas” e logo se põe a brincar com elas:

Mani!Mani! filhinas da mandioca... perdido de gosto e tanta formosura. Afinal escolheu três. Brincou com elas na rede estranha plantada no chão, numa maloca mais alta que a Paranaguara. Depois, por causa daquela rede ser dura, dormiu de atravessado sobre os corpos das cunhãs. E a noite custou pra ele quatrocentos bagarotes. (ANDRADE, 2007, p.52)

Ainda no quinto capítulo, após acordar de sua noite de amor, mais uma vez, a narrativa mostra o choque cultural, quando Macunaíma se depara com as máquinas e seus estrondos: eram carros, elevadores, telefones, campainhas, buzinas, rádios, motocicletas e ainda todo o aglomerado urbano que o personagem chamava de “filharada da mandioca”: “Que mundo de bichos! que despropósito de papões

roncando, mauaris, juruparis sacis e boitatás nos atalhos da socavas nas cordas dos morros furados por donde gentama saía muito branquinha, branquíssima, de certo a filharada da mandioca!...” (ANDRADE, 2007, p.52)

Macunaíma agora era um estrangeiro na cidade. Inquieto e trazendo os costumes de sua tribo, ele tentou “brincar” com a máquina para tentar se também se tornar o imperador dos “filhos da mandioca”, assim como fez com Ci, mãe do mato, porém agora a realidade era diferente: “A máquina não era deus não, nem possuía os distintivos femininos que o herói gostava tanto. Era feita pelos homens” (ANDRADE, 2007, p.53). Este episódio mostra o embate entre o homem e a “máquina”.

O herói não acreditou no que as “cunhãs” diziam sobre a máquina e “passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a Máquina”. Para Macunaíma, “A Máquina era que matava os homens porém os homens é que mandavam na Máquina” (ANDRADE, 2007, p.53).

Esta inquietação de Macunaíma é a mesma que Bauman (2001, p.115) atribui a uma das dimensões da incerteza da sociedade contemporânea: “Viver sob condições de grande incerteza, perpétua e autoperpetuante, é uma experiência desalentadora; temos calafrios diante das infindáveis possibilidades, assim como hesitamos quando enfrentamos uma escolha.”

Na verdade, viver na realidade urbana contemporânea nos leva a uma adaptação natural, já que: “A ‘sociedade urbana’, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação” (CASTELLS, 2011, p127). Com isso, habitar a cidade implica necessariamente ter que lidar com essa lógica e com as constantes transformações do espaço urbano.

Ainda sem concordar com o “poder” da máquina sobre os homens, ou vice-versa, o herói chegou a uma conclusão: “Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens. Macunaíma deu uma

grande gargalhada. Percebeu que estava livre outra vez e teve uma satisfação. Virou Jiguê na máquina telefone, ligou pros cabarés encomendando lagosta e francesas.” (ANDRADE, 2007, p.54)

De uma certa forma, Macunaíma já estava se adaptando e desfrutando do que a cidade poderia lhe proporcionar. A essa presença dos estrangeiros na cidade e a sua “habituação ou ritualização” Bauman (2001, p.117), atribui que “(...) de maneira distinta dos estrangeiros étnicos ou culturais do passado – eles têm orgulho de suas próprias tradições e costumes e não se ajoelham ante os hábitos, novidades e preconceitos de seus hospedeiros, como se fossem, sem ambigüidade, superiores aos seus próprios.”

Ainda sobre as questões relacionadas ao espaço urbano, o capítulo IX, Carta para Icamíabas, invertendo os relatos quinhentistas, mostra a visão de Macunaíma sobre a cidade de São Paulo para os nativos da sua tribo, mandando-lhes notícias sobre os “feitos” na nova cidade. Esta carta traz ainda uma crítica à linguagem clássica e rebuscada dos textos parnasianistas:

“Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saúde e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo- a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes- não sois conhecidas por “icamiabas”, voz espúria, sinão pelo apelativo de Amazonas; e de vós, se afirma, cavalgades ginetes beligeros e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas.” (ANDRADE, 2007, p.97)

O tempo e o espaço são indefinidos para Mário de Andrade em *Macunaíma*. As constantes aventuras do herói demonstram que não há fronteiras entre os espaços e o herói é capaz de viajar de uma região à outra, demonstrando um profundo conhecimento da cultura de cada região:

Depois que pulando a serra do Tombador no Mato Grosso deixaram pra esquerda as cochilhas de Sant'Ana do Livramento, o tuiuí-aeroplano e Macunaíma subiram até o Telhado do Mundo, mataram a sede nas águas novas do Vilcanota e na última etapa voando sobre Amargosa na Baía, sobre a Gurupá e sobre o Gurupi com a sua cidade encantada, enfim toparam de novo com o mocambo ilustre do igarapé Tietê (ANDRADE, 2007, p.138)

Esta também é uma questão da contemporaneidade: a desterritorialização dos espaços. De acordo com Canclini (1998, p. 309):

As buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização e reterritorialização. Com isso refiro-me a dois processos: a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais, e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas.

Nesse sentido, Macunaíma é um personagem ‘desterritorializado’, pois se adapta a novos ambientes, se relocalizando e se adaptando a diferentes culturas.

A obra de Mário de Andrade já retratava a cidade de São Paulo em profunda transformação e, com isso, muitas situações que estas mudanças acarretam na estrutura social, política e cultural dos espaços urbanos, entre elas, a presença de estrangeiros.

Uma das passagens da obra, na qual um representante do povo, insatisfeito com a presença de Macunaíma e suas “malvadezas”, retrata as transformações e consequências da urbanização da cidade de São Paulo no período histórico em questão:

— Meus senhores, a vida dum grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnífica entrosagem de seu

progresso siquer a passagem momentânea de seres inócuos. Ergamo-nos todos una você contra os miasmas deletérios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Governo cerra os olhos e delapida os cofres da Nação, sejamos nós mesmos os justiçadores.(ANDRADE, 2007, p127).

Sendo assim, depois de muitas experiências e aventuras e odiado por muita gente, Macunaíma, com a ajuda de seus irmãos, enfim atinge o seu objetivo: mata o gigante Piaimã e recupera o seu amuleto: “Macunaíma quando voltou da apituca foi buscar a muiraquitã e partiu da máquina bonde pra pensão. E chorava gemendo assim: — Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela!” (ANDRADE, 2007, p170)

Mas a aventura do herói não termina assim: após as inúmeras lutas do herói com o gigante Piaimã e vitorioso pelo resgate de sua pedra, Macunaíma finalmente volta para sua tribo levando consigo as lembranças da cidade e da vida agitada que levava na metrópole: “Depois de muito refletir, Macunaíma gastara o arame derradeiro comprando o que mais o entusiasmara na civilização paulista. Estavam ali com ele o revólver Smith-Wesson o relógio Pathek e casal de galinha legorne.” (ANDRADE, 2007, p.173).

Seus irmãos, infelizmente, não chegaram à tribo, pois foram “engolidos” no meio do caminho por uma sombra leprosa. Macunaíma então seguiu só até o Uraricoera:

Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxama e nem siquer a gente encontrava cunhãs por ali. O silêncio principiava cochilando à beira-rio do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!...que preguiça!...(ANDRADE, 2007, p.201)

O final da narrativa acontece após Macunaíma ser enganado por Vei, a mãe sol, que lhe prometera vingança em uma de suas aventuras na cidade do Rio de Janeiro. O herói caiu na armadilha de uma Uiara traiçoeira, que com traços europeus mutilou o herói e o condenou a virar pedra. Insatisfeito pela sentença, ele pediu ajuda a Pauí-Pódole, o pai mutum, que com pena dele o transformou na constelação da Ursa Maior:

la pro céu viver com a marvada. la ser o brilho bonito mas inútil porém de mais uma constelação. Não fazia mal que fosse brilho inútil não, pelo menos era o mesmo de todos esses parentes, de todos os pais dos vivos da sua terra, mães, pais, manos cunhãs cunhadas cunhatãs, todos esses conhecidos que vivem agora do brilho inútil das estrelas.(ANDRADE, 2007, p .208)

Antes de se transformar em estrela, ao chegar a sua terra natal, mutilado e sem forças, observou as transformações que por lá também já haviam ocorrido e a tribo que estava numa solidão só: “Um silêncio imenso dormia à beira-rio do Uraricoera.” (ANDRADE, 2007, p.213).

O único que restou foi o papagaio que salvara do silêncio os feitos do herói, contando tudo para o homem e depois “abrindo asas rumo a Lisboa”, mais uma vez invertendo os relatos quinhentistas:

A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruína minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio do silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói. (ANDRADE, 2007, p.214).

Assim como em *Macunaíma*, a sociedade contemporânea vive num contexto de constantes e rápidas transformações, no qual as questões relacionadas à diversidade cultural, identidade e transformações urbanas

são dificilmente conceituadas em função da influência externa recebida nesse processo de evolução. As questões presentes em *Macunaíma* demonstram a contemporaneidade expressa no retrato do povo brasileiro, representado por Mário de Andrade pelo *herói sem nenhum caráter*, o herói da nossa gente. “Tem mais não.”

Considerações finais

Em *Macunaíma*, o *herói sem nenhum caráter*, é possível perceber questões muito presentes no discurso da contemporaneidade: diversidade cultural, construção da identidade e transformações urbanas.

Ao construir a história do *herói sem nenhum caráter*, Mário de Andrade demonstra um profundo caráter de pesquisa de nossas raízes culturais: nomes de plantas, de animais, de costumes indígenas, lendas e muito conhecimento do folclore brasileiro; além de aspectos ligados à sociedade paulistana.

Mesmo influenciado pelas vanguardas europeias, o movimento modernista estava empenhado em revolucionar a arte e a literatura, mostrando a diversidade cultural brasileira. Era preciso agora valorizar o elemento nacional.

Sendo assim, a construção da identidade do povo brasileiro, com características tipicamente nacionais, também é muito criticada pelo autor que, contrário às influências estrangeiras, tão presentes na literatura e na cultura da sociedade brasileira, demonstra através da falta de caráter da personagem Macunaíma, não necessariamente um mau-caratismo, mas a descaracterização desta identidade nacional.

Macunaíma, o anti-herói, é completamente diferente das personagens apresentadas pelas obras do Romantismo: é esperto, egoísta, malandro, preguiçoso, ambicioso, adorava as mulheres e tinha o sexo como brincadeira. Seu jargão: “Ai, que preguiça!” talvez seja uma das principais críticas de Mário de Andrade a esta falta de caracterização.

Alguns estudiosos atribuem a estas características o “retrato do povo brasileiro”.

Outro aspecto importante em relação à narrativa é o choque cultural que Macunaíma e seus irmãos sofrem ao chegarem à cidade de São Paulo em um agitado processo de urbanização: o aumento dos aglomerados urbanos, a presença de estrangeiros, o crescimento dos transportes e dos meios de comunicação (o bicho máquina), a política, os aspectos ligados à economia e a tão agitada vida dos paulistanos. Macunaíma e seus irmãos agora faziam parte de uma cultura completamente diferente da que possuíam à margem do rio Uraricoera.

A comparação entre trechos da obra publicada em 1928 e o discurso de autores contemporâneos em relação aos conflitos da sociedade atual demonstram a contemporaneidade de Macunaíma, mesmo após mais de 80 da sua primeira publicação.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais, desconectados*. Rio de Janeiro; UFRJ: 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MASSAUD, Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. Petrópolis: Vozes, 1992.